



UFSM

Artigo Especialização

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E QUALIDADE DE VIDA**

por

Daniela Bobsin

CECREPAC

**Curso de Especialização em Conservação e Restauração do
Patrimônio Cultural**

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E QUALIDADE DE VIDA**

por
Daniela Bobsin

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural**

CECREPAC

Santa Maria, RS, Brasil

2005

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Tecnologia
Curso de Especialização em Conservação e Restauração do
Patrimônio Cultural

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o Artigo de Especialização

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E QUALIDADE DE VIDA**

elaborado por
Daniela Bobsin

Como requisito para obtenção de grau de
Especialista em Conservação e Restauração do Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Caryl Eduardo Jovanovich Lopes
(Presidente/Orientador)

Denise de Souza Saad

Dilson Nicoloso Cechin

Santa Maria, 06 de janeiro de 2005

**Este trabalho é dedicado a Heberton
Fabrício Inocência Alves, meu noivo e
incentivador**

PATRIMÔNIO HISTÓRICO E QUALIDADE DE VIDA

Resumo

Nesse texto tenta-se demonstrar como a valorização cultural através de projetos de restauração e conservação do patrimônio histórico pode ser uma estratégia para o desenvolvimento local e conseqüentemente uma forma de melhoria da qualidade de vida das populações. Para isso toma-se como exemplo as ações realizadas pela Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Meio Ambiente da cidade de Cristina – Minas Gerais.

Palavras-chave: Cultura, patrimônio histórico, identidade, qualidade de vida.

Lista de Ilustrações

Figura 01 – Loja Maçônica Estrela da Mantiqueira – Passa Quatro/MG..	15
Figura 02 – Fazenda da Água – Cristina/MG.....	17
Figura 03 – Fazenda da Boa Vista – Cristina/MG.....	18
Figura 04 – Museu do Trem – Cristina/MG.....	18
Figura 05 – Quadro em cedro retratando visita da Imperatriz à cidade – Cristina/MG.....	19
Figura 06 – Chafariz de 1869.....	19
Figura 07 – Praça Santo Antônio após a revitalização – Cristina/MG.....	21
Figura 08 – Leão da praça, obra de Chico Cascateiro – Cristina / MG.....	21
Figura 09 – Interior do museu, com as doações da população.....	22
Figura 10 – Casario na cidade de Cristina/MG.....	23
Figura 11 – Ladeira em Passa Quatro/MG.....	26

Sumário

Introdução.....	07
1 – Identidade, patrimônio cultural e qualidade de vida.....	08
2 – A valorização do patrimônio histórico em Cristina MG.....	16
3 – Patrimônio arquitetônico e turismo.....	24
Conclusão.....	29
Bibliografia.....	30

Introdução

As expectativas de rendimento via setor turístico têm motivado as administrações públicas a recuperarem sítios e artefatos de importância estética e histórica por todo o país, pois esse tipo de patrimônio desde sempre foi considerado um dos principais atrativos desse setor.

Políticas públicas como isenções fiscais têm contribuído para facilitar a obtenção de recursos para essas restaurações, que contam muitas vezes com o apoio técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Como exemplos dessa tendência podemos citar a restauração de conjuntos arquitetônicos em cidades como São Luís no Maranhão, Recife e Olinda em Pernambuco e Salvador na Bahia.

No presente artigo, pretende-se argumentar que a restauração e conservação do patrimônio histórico, independente da geração direta de recursos – como a arrecadação provocada pelo aumento do fluxo turístico – pode ser uma excelente estratégia de desenvolvimento local na medida em que reforça a identidade do lugar, aumentando o sentimento de pertença das pessoas e conseqüentemente seus laços de solidariedade e sua qualidade de vida.

Nesse sentido pretende-se justificar o apoio as ações de restauração e conservação mesmo em municípios que não tem tanta relevância turística, bem como de alertar as administrações municipais para a importância desse tema, muitas vezes tratado com descaso.

Para esse fim, num primeiro momento tece-se uma discussão teórica sobre os conceitos de identidade, patrimônio cultural e qualidade de vida, discussão que é ilustrada numa segunda parte com exemplos extraídos de alguns municípios da mesoregião sul do estado de Minas Gerais.

1 – Identidade, patrimônio cultural e qualidade de vida

Na contemporaneidade a valorização cultural pode ser uma forma de tornar um lugar mais atraente para os turistas, mas acima de tudo, uma forma desse lugar se tornar mais atraente para a própria comunidade local e assim aumentar sua auto-estima, reforçar seus laços de solidariedade e seu sentimento de pertença. Dessa forma, valorizar a cultura é uma maneira de melhorar a qualidade de vida e motivar as pessoas de um local na busca de seu próprio desenvolvimento.

(...) à cultura exerce funções importantes na sociedade. Antes de tudo, procura a auto-estima das próprias pessoas. A auto-estima é a condição *sine qua non* de qualquer forma de realização, quer seja pessoal ou coletiva. Sem um mínimo de consciência do próprio valor e de suas capacidades, sem uma confiança serena nos seus próprios recursos e meios, o indivíduo mantém-se inerte e sem voz, no sentido figurado ou mesmo, por vezes, no sentido literal (VERHELST, 1994, p. 1).

Qualquer que seja a forma como se apresenta, a cultura, porque contribui para a valorização das potencialidades coletivas e individuais, porque favorece a plena realização das personalidades, é o melhor e mais eficaz dos vetores do desenvolvimento (KAYSER, 1994, p. 6).

Nesta seção trata-se da valorização cultural a partir das três categorias apresentadas no título – identidade, patrimônio cultural e qualidade de vida. Essas categorias possuem relações de reciprocidade e dependência. A melhoria ou reforço de uma dessas categorias numa determinada localidade irá implicar numa melhoria ou reforço das outras, o que aumentará o potencial de atração do lugar e suas possibilidades de desenvolvimento, num sentido inverso, o descaso para qualquer uma dessas categorias, irá acabar por enfraquecer as outras, tornando o lugar menos atraente.

Primeiramente é necessário distinguir o que, neste trabalho, tomamos por cultura e o que é tomado por patrimônio cultural. Cultura, dentro de uma abordagem interpretativa, é a trama de significações que os indivíduos estabelecem em suas interações cotidianas, ou seja, é a

instância que dá sentido as nossas ações, concepções, interpretações e possibilita nossa comunicação.

Sobretudo a cultura é um dinamismo criador de sentido. Dar sentido ao que se faz é capital. É preciso que o desenvolvimento tenha um sentido. Em várias línguas européias, a palavra 'sentido' (...) significa ao mesmo tempo significação profunda e direção. É exatamente disto que se trata: por um lado, adequação aos valores graças aos quais o que se faz tem 'sentido' bom senso e, por outro lado, orientação para o futuro e avanço numa determinada direção. (...) Nesta perspectiva sua dimensão simbólica (valores, espiritualidade, etc.) desempenha um papel crucial (VERHELST, 1994, p. 2).

Patrimônio cultural, por sua vez, seriam as manifestações concretas da cultura, sejam elas tangíveis – artefatos, objetos, vestuário, arquitetura, produtos alimentícios, obras de arte, relíquias sagradas – ou intangíveis – festas, tradições, ritos, rituais, lendas, mitos, folclore, saberes, receitas, línguas, dialetos e o próprio modo de vida. Nesse sentido o patrimônio histórico é parte do patrimônio cultural material.

A melhoria do patrimônio cultural deve antes visar o benefício da população anfitriã do que os turistas, como por exemplo, a construção de praças, jardins e museus ou a criação de corais e grupos de dança.

O restauro de uma pequena igreja, de uma quinta, a renovação de uma praça da aldeia só farão sentido se provocarem um afluxo turístico, ou podem ser realizados para o simples prazer, para a cultura dos habitantes? Porque uma das componentes principais da cultura é o ambiente cotidiano, que é agora, para quase toda gente, o patrimônio arquitetônico. A qualidade estética desse ambiente eleva o nível cultural dos habitantes. (KAYSER, 1994, p. 4 e 5).

Ao beneficiar em primeiro lugar os autóctones, a valorização acaba por redundar numa melhoria da qualidade de vida das pessoas do lugar. Entendemos aqui, por qualidade de vida a possibilidade de determinada comunidade de viver em condições – ambientais, culturais, econômicas e sociais – consideradas ideais de acordo com seus próprios valores.

Nesse sentido, qualidade de vida é uma categoria cultural, pois os valores de uma comunidade são determinados por sua cultura. "(...) a capacidade de selecionar, é o que a cultura permite. É ela que contém os

valores e que define as prioridades. É ainda a cultura que determina as escolhas em função dessas prioridades” (VERHELST, 1994, p. 2).

Outra consequência de nossa definição, é que qualidade de vida é um ideal, o que implica no fato de nunca ser plenamente conquistada. Quando uma comunidade chega num certo patamar de qualidade de vida, certamente outros objetivos e necessidades aparecerão, pois a cultura é uma esfera caracterizada por seu dinamismo e os valores mudam. Assim, não se pode falar que certo local atingiu uma qualidade de vida, mas que melhorou sua qualidade de vida.

Um lugar onde os moradores se sintam bem, certamente terá maiores condições de atrair turistas, do que um lugar onde os próprios anfitriões se sintam mal. Nesse sentido, como no caso do patrimônio cultural, deve-se em primeiro lugar buscar melhorias visando às necessidades da população local e somente depois o turismo.

Identidade é a noção que caracteriza o interno contrastando-o com o externo. É o que une os semelhantes, distinguindo-os dos diferentes. Ou seja, os torcedores de um determinado time de futebol, possuem afinidades em comum, têm como símbolo as mesmas cores. Ao mesmo tempo, se distinguem dos torcedores de outros times de futebol, que adotam cores diferentes. A identidade é uma categoria cultural, na medida em que adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada. (MOREIRA, 1996; WOODWARD, 2000).

Dentro da abordagem interpretativa da cultura, que é a adotada neste trabalho, a identidade é uma noção não-essencialista. Ela é relacional, sendo a diferença estabelecida por uma marcação simbólica relativa a outras identidades. Essa marcação simbólica tem reflexos sociais na medida em que estabelece diferenciações que são socialmente vividas, por exemplo, ao incluir ou excluir determinados indivíduos em determinados grupos. Nesse sentido a identidade é uma construção simbólica e social, e portanto múltipla, pois um indivíduo não está incluído

em apenas um sistema cultural ou possui apenas um vínculo social. (CUCHE, 1999; WOODWARD, 2000).

Sendo marcada por meio de símbolos, existe uma relação entre a identidade das pessoas e as coisas que ela usa. Nesse sentido o consumo pode ser um ato de marcação simbólica, de identificação. Consome-se determinados bens não apenas por suas qualidades funcionais ou estéticas, mas também como forma de afirmação de determinadas identidades.

Alguns produtos são ao mesmo tempo símbolos e portadores de significação dentro de determinados contextos culturais, são investidos de identidade. De novo, volta-se ao exemplo dos times de futebol: as cores de um time são carregadas de significados e determinam a identidade de quem porta a camiseta de um time.

A identidade pode ser usada estrategicamente para a afirmação de algumas minorias ou no caso do turismo, para reforçar a imagem e o apelo de um lugar. Usada dessa maneira, a identidade passa a ser um emblema. Entretanto, a afirmação de determinada identidade, não se dá sem conflitos, pois enquanto categoria sócio-cultural, a identidade está também sujeita as mesmas relações de poder que permeiam as trocas culturais de significado. A afirmação de uma identidade tem que ser negociada internamente, pelos componentes do grupo em questão, e externamente, perante outros grupos com outras identidades. (CUCHE, 1999; WOODWARD, 2000).

Nessa busca de afirmação de identidades, recorre-se muitas vezes a elementos históricos, buscando no passado símbolos, heróis, mitos, narrativas que possam promover a agregação interna e diferenciação externa. Outras vezes tradições são inventadas, símbolos são criados ou investidos de novos significados, no intuito de fortalecer, construir ou reconstruir uma determinada identidade ¹.

¹ O livro 'Turismo e Identidade Local', apresenta uma coletânea de artigos que mostram diferentes usos da identidade para fins turísticos. Casos como o dos índios Pataxós alguns

Sítios e artefatos históricos funcionam como catalisadores da identidade local, na medida em que tem um valor simbólico compartilhado e legitimado por uma determinada comunidade.

Num sentido oposto ao da identidade como emblema ou estratégica, está o da identidade como estigma ou identidade negativa. Um exemplo clássico seria a identidade das comunidades rurais, onde valores relacionados aos ideais de urbanização, industrialização, modernidade e progresso eram hegemônicos.

A diferença normalmente se expressa por dualismos, só se é rural mediante a existência de um outro cidadão urbano; só se é índio mediante a existência de pessoas de outras raças. Numa relação entre dois termos de oposição binária há sempre um desequilíbrio de poder entre ele, “nesses dualismos um dos termos é sempre valorizado mais que o outro: um é a norma e o outro é o ‘outro’ – visto como ‘desviante ou de fora’ (WOODWARD, 2000, p. 51)”.

Nesse caso, o urbano seria a norma, enquanto o rural seria o ‘outro’ que deveria urbanizar-se para progredir, para se ‘normalizar’. Ora, essa estigmatização que relaciona as identidades rurais a ‘falta de cultura’, ignorância, conservadorismo ajudou em muito a promover o êxodo rural por todo o país.

Nesse contexto de êxodo e estigmatização das identidades rurais muitas construções localizadas em sítios e fazendas foram “reformadas” e muitas vezes com um total desrespeito para com as linhas arquitetônicas originais. Móveis e objetos domésticos foram substituídos por similares considerados mais modernos por estarem fora de sintonia com a vida dos centros urbanizados. Quadro este que fez a alegria de muitos antiquários.

elementos culturais são inventados, construindo uma identidade para fins turísticos, mas que acaba por ser assimilada pela comunidade com o tempo. A exemplos, como uma comunidade italiana em Santa Catarina, do resgate histórico da identidade de imigrantes italianos. Nesse ultimo caso , essa identidade italiana tem que ser negociada com outros setores da comunidade que compartilham uma cultura ‘gaúcha’. BANDUCCI, J.A.; BARRETO,M. (orgs.) **Turismo e Identidade local – uma visão antropológica**. Campinas: Papirus,2001.

Entretanto, com a valorização contemporânea das diferenças culturais e da natureza, o espaço rural passa a ser visto como um lugar de manutenção e conservação da natureza e dos saberes tradicionais. Nesse sentido a valorização cultural pode atuar ajudando a reforçar as identidades rurais locais, transformando o que era estigma em emblema. A quantidade de casarões de fazendas que estão sendo restaurados por todo o país – muitas vezes em função de atividades turísticas – é um exemplo emblemático dessa tendência.

A afirmação das identidades locais pode ser uma importante estratégia de desenvolvimento na medida em que,

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e **aquilo no qual podemos nos tornar**. A representação, compreendida como processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas (WOODWARD, 2000, p. 17).²

Em outras palavras a afirmação das identidades não tem somente o poder de reafirmar um passado ou constatar o presente, a afirmação das identidades pode sugerir possíveis futuros.

Essa redescoberta – ou descoberta, ou invenção – das identidades locais, regionais, rurais e étnicas, foi em parte, possibilitada pelos processos de globalização. Na construção das nações, as identidades de cada país precisavam superar as identidades culturais dispersas em seu interior. Nesse sentido, a identidade nacional se fez em detrimento das identidades locais e o Estado-nação passa a atuar como um referente simbólico hegemônico. A integração nacional pressupõe, nesse contexto, uma hierarquia das forças identitárias, as especificidades parciais são a ela submetidas (ORTIZ, 1996).

A mundialização da cultura – face cultural da globalização – rompe essa hierarquia estabilizada durante anos. O Estado-nação, enquanto

² Grifo do autor.

referente simbólico, perde o monopólio da definição do sentido da vida social. A mundialização ao mesmo tempo em que cria uma cultura-internacional-popular, identidades transnacionais; libera as identidades locais do peso da cultura nacional.

Se por um lado a mundialização da cultura libera as identidades locais, outros fatores levam os cidadãos das grandes metrópoles a buscarem essas identidades. Os grupos sociais, além dos laços identitários tecidos através da história, têm como importante referencial simbólico o espaço ou território onde se localizam³. É no território onde se distribuem os marcos que orientam as práticas sociais, os signos – prédios, praças, monumentos, sítios históricos, reservas naturais ou mesmo pequenas construções – que referenciam as práticas cotidianas dos indivíduos. Se nas grandes cidades e metrópoles os espaços estão em constante mutação, como ficaria a identidade das pessoas que vivem nesses lugares?

Assim, se os diferentes grupos (e/ou classes) sociais que formam o tecido da metrópole necessitam de um território como base de afirmação, como isto acontece nesta realidade em permanente mudança (HAESBAERT, 2002, p. 93).

Haesbaert (2002) responde essa questão sugerindo que a identidade metropolitana estaria na própria convivência com a mudança, com as velocidades aceleradas das transformações das grandes cidades. Assim, cidadãos de diferentes regiões metropolitanas teriam em comum uma identidade ligada a essa velocidade e a convivência com diferentes culturas que coabitam esses lugares.

Entretanto, pergunta-se se essa velocidade da vida urbana, a mutação dos referenciais simbólicos patrimoniais e espaciais, não seria um dos motivos que levam os habitantes destas regiões metropolitanas – centros clássicos de emissão de turistas – a procurarem lugares com

³ A categoria 'espaço' apesar de importante na composição das identidades não é essencial, como às vezes parece ser. Benedict Anderson, ao analisar a formação das nacionalidades, lança o conceito de 'comunidade imaginada', ou seja, são laços imaginários que ligam indivíduos separados espacialmente, sem que esses indivíduos necessitem se reconhecerem fisicamente. ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

velocidade mais lenta, onde os referenciais simbólicos permanecem mais fixos durante o tempo, onde as identidades são ‘mais cristalizadas’? Lugares que transmitem um sentimento de segurança, de ‘certeza’ em meio à avalanche contemporânea – mais localizada nas grandes concentrações urbanas – de mudanças e incertezas.

Nesse sentido, os centros receptivos devem atentar para seu patrimônio construído e natural, pois constituem parte das motivações que atraem seu fluxo de visitantes. Mas, sobretudo, essas localidades devem atentar para seu patrimônio, porque este é um referencial simbólico de sua própria historicidade e de suas práticas cotidianas.

O turismo pode atuar como um incentivo para a conservação do patrimônio, na medida em que este é um atrativo. Um exemplo é o processo de tombamento de quarenta casarões em estilo eclético na cidade de Passa Quatro em Minas Gerais, processo em grande medida incentivado pelo desenvolvimento turístico do município.



Figura 01 – Loja Maçônica Estrela da Mantiqueira – Passa Quatro / MG

Em contrapartida, o crescimento do setor turístico, pode desordenar o espaço cotidianamente vivido pelas pessoas de um lugar.

As construções – casas, monumentos, praça, templos religiosos – funcionam como símbolos, e como símbolos estão sujeitos a uma diversidade de significados. Esses significados variam de acordo com o vínculo social e cultural dos indivíduos que partilham dos espaços aonde esses símbolos se inserem.

Para os turistas ou outras pessoas de fora as construções dos locais visitados, são símbolos com menor densidade de significados. Na maioria das vezes representam uma bela paisagem, um local diferente, um ambiente agradável, ou despertam uma lembrança de algum outro lugar. Para os moradores esses mesmos lugares ou construções são densamente carregados de significados, representam seu espaço vivido. Uma praça pode ter sido o lugar de importantes manifestações cívicas na história local, pode ter sido significativa na infância de muitos moradores, que quando crianças brincavam em suas árvores ou quando jovens namoravam em seus bancos; uma igreja pode representar o lugar de união de muitos casais ou o lugar de despedida de entes queridos.

Ora, se o ordenamento do espaço local ocorrer sem se levar em conta essas questões simbólicas, referenciais materiais importantes para a identidade local podem ser destruídos ou alterados – perdendo seus significados.

2 – A valorização do patrimônio histórico em Cristina MG

No município de Cristina a idéia de desenvolver o turismo, acabou por desencadear projetos de valorização do patrimônio cultural, projetos que vem contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos e que estão fornecendo subsídios para o fortalecimento de uma identidade local.

O Município de Cristina possui uma área de 311,67 km² e é habitado por 10339 pessoas, sendo que 5490 (53,1%) residem na zona urbana e 4849 (46,9%) residem na zona rural.

O primeiro passo dado em direção ao desenvolvimento turístico de Cristina foi a criação da Secretaria de Turismo, Cultura e Meio Ambiente no ano de 2000. Entrevistou-se Sandra de Castro Ferraz, responsável por essa Secretaria, que nos contou a história desse desenvolvimento e o modo como essa trajetória perpassa pela valorização do patrimônio cultural e histórico do município.

Cristina sempre teve vocação para o turismo, é uma cidade montanhosa, cheia de cachoeiras. A beleza natural dela é muito grande. Então o pessoal sempre quis que Cristina desenvolvesse esse lado turístico. Só que esse negócio de querer ficou meio perdido no ar (FERRAZ, 2004).

As ações iniciais voltadas para o turismo foram dadas pelo atual prefeito na sua primeira gestão,

No último ano da outra gestão dele, ele fundou a secretaria de Turismo, Cultura e Lazer, aí me chamou para ocupar o cargo de secretaria e foi onde a gente começou esse trabalho. Eu mudei logo de cara o Lazer, porque Lazer já está implícito no Turismo e Cultura, e coloquei Meio Ambiente. Então hoje são três pastas, Turismo, Cultura e Meio Ambiente, que são três segmentos que um não anda longe do outro. Um tem sempre que trabalhar com o outro (FERRAZ, 2004).

Os primeiros passos... História e patrimônio cultural

Cristina é uma cidade que tem, além da beleza natural, uma história muito grande, está com 229 anos, tem ainda casarões antigos, fazendas coloniais, têm uma arquitetura colonial muito forte. Cristina não tinha um resgate histórico. A primeira coisa que eu fiz foi resgatar a história (FERRAZ, 2004).



Figura 02 – Fazenda da Água – Cristina / MG



Figura 03 – Fazenda da Boa Vista – Cristina / MG

Para ajudar no resgate histórico e patrimonial foi criado o Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural.

Desde ali, começamos um trabalho de política cultural muito interessante. Estamos fazendo vários tombamentos. Por enquanto não vamos mexer em nada particular. Fizemos o tombamento do museu do trem, da locomotiva a vapor, do quadro feito em cedro, da malha urbana, de toda parte que é de paralelepípedo das ruas, são 78 mil metros, praticamente o calçamento da cidade inteirinha está tombado. Hoje já temos um inventário de 80 casarões e de imagens sacras que são importantes para Cristina (FERRAZ, 2004).



Figura 04 – Museu do Trem – Cristina / MG

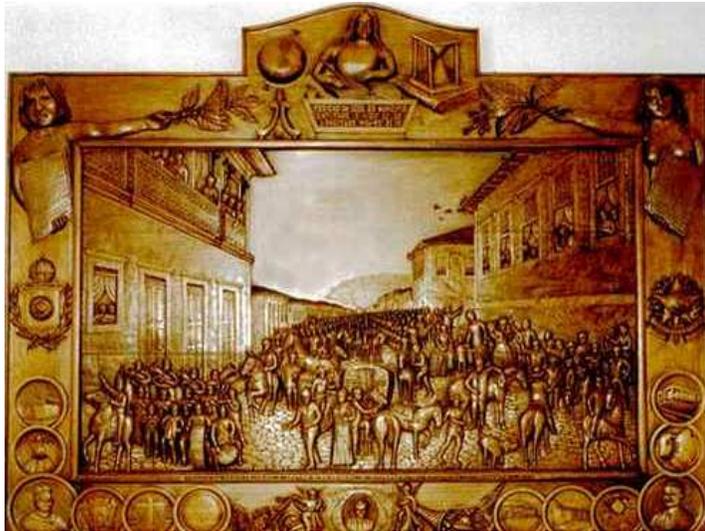


Figura 05 – Quadro em cedro retratando visita da Imperatriz à cidade – Cristina / MG

Entre o Patrimônio cultural destacado pelo calendário de divulgação turística do município do ano de 2003 estão: Matriz do Divino Espírito Santo; Prédio em estilo neoclássico de 1891, Antiga Estação Ferroviária e hoje Rodoviária Municipal; Locomotiva a vapor; Monumento do Leão; Monumento do Peixinho; Chafariz de 1869, primeira fonte de água canalizada da cidade.



Figura 06 – Chafariz de 1869

O trabalho de tombamento e inventário acabou por gerar um trabalho de pesquisa e resgate histórico.

Fizemos um trabalho de pesquisa enorme, foram dez meses de pesquisa. Pesquisamos em cartório e em um livro que chama 'O sertão da Pedra Branca'. Esse trabalho vai virar um livro. Descobrimos não só a história de Cristina, mas da região toda... Os bandeirantes vieram em busca do ouro e acabaram ficando na região pela abundância de recursos (FERRAZ, 2004).

A criação do Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural e os trabalhos desencadeados a partir daí, aumentaram a arrecadação do município.

Através desse trabalho estamos trazendo o ICMS⁴ Cultural para a cidade. Quando eu entrei na secretaria, não tinha caneta, mesa, nada.

Ano a ano você tem que mandar os inventários, dossiês de tombamento, laudos técnicos pro Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, que a sede é lá em Belo Horizonte. Quanto mais inventários, quanto mais você faz tombamento, de acordo com o tipo de tombamento, você consegue uma pontuação no Estado. Com essa pontuação você começa a receber mais ICMS.

Cristina hoje, está recebendo, mais ou menos, por ano uns 85 mil reais. Com o trabalho de tombamento, aumentamos a pontuação e eu acredito que a gente vai chegar nos 120 mil no ano que vem (FERRAZ, 2004).

O dinheiro do ICMS Cultural deve, necessariamente, ser revertido em ações voltadas para a valorização da cultura.

Com esse dinheiro eu consegui contratar uma historiadora, um arquiteto – que com essa grana a gente só pode contratar um tipo de profissional, só pessoas ligadas à área cultural – e contratei um maestro também (FERRAZ, 2004).

Esse dinheiro também permitiu uma revitalização do patrimônio histórico,

Outro trabalho que a gente fez também foi a revitalização da Praça Santo Antônio, porque na década de 70 ela foi totalmente descaracterizada. Porque na década de 70, eles entendiam que o novo era modernidade, que tudo que era antigo era velho, era passado. Então muitas cidades sofreram muitas reformas nessa época. Então em Cristina, a praça inteira foi detonada (FERRAZ, 2004).

⁴ Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços



Figura 07 – Praça Santo Antônio após a revitalização – Cristina / MG

Novamente, vemos os efeitos da tendência brasileira – principalmente em décadas anteriores, mas ainda hoje – de sobrevalorização do ‘novo’ em detrimento de estilos arquitetônicos mais antigos. Continuando...

Com esse dinheiro reformamos a praça e contratamos uma restauradora também... Na praça temos dois patrimônios importantes, tanto para Cristina, quanto para Minas, como para o Brasil. Porque temos obras de Chico Cascateiro, que é um artista português que tem obras inclusive no parque de Caxambu. São obras que foram feitas em 1908, início do século passado. Monumentos que tem mais de 100 anos e ainda estão intactos... É muito interessante a construção deles, porque para ter essa argamassa forte dessa maneira, ele usava na massa óleo de baleia com crina de cavalo, que foi uma técnica que ele trouxe da Europa... Os monumentos são cartão postal de Cristina praticamente. Voltamos a forma de sextavado do coreto, que estava muito feio, descaracterizado... E colocamos alguns bancos antigos imitando troncos de árvore (FERRAZ, 2004).



Figura 08 – Leão da praça, obra de Chico Cascateiro – Cristina / MG

Uma pesquisa feita para a reforma possibilitou a descoberta – ou redescoberta – da história, do artista e das técnicas usadas na construção dos monumentos da praça. Essas informações ajudam a agregar valor simbólico à construção material, pois agora, quando visitantes vão à praça, ficam sabendo através dos guias, detalhes que tornam os monumentos ainda mais ‘únicos’, do que já são.

Paralelamente, foram e estão sendo feitas, outras ações de valorização patrimonial.

Agora nossa secretaria está indo pro museu que criamos, muitas peças conseguimos com a comunidade cristinense... A sede da escola de música também foi restaurada (FERRAZ, 2004).



Figura 09 – Interior do museu, com as doações da população

Mais importante que uma valorização patrimonial voltada para o turismo, é a valorização voltada em primeiro lugar para a comunidade local, o que melhora em muito a qualidade de vida das pessoas do lugar. A criação de um museu, bem como a restauração patrimonial, ajudam no fornecimento de elementos simbólicos que funcionam como importantes referenciais para o fortalecimento da identidade de um lugar. Ao fazer doações de objetos pessoais para o museu, as pessoas da comunidade sentem sua importância na história e no presente de sua cidade.

Morar em um lugar bonito, cujas construções são cuidadas, reforça o sentimento de pertença, faz com que o cidadão se orgulhe de sua cidade, se identifique com ela.

Nesse processo guias foram treinados para roteiros históricos.

Tem o *city tour* histórico e o histórico religioso, para quem quiser só visitar as igrejas e ver as imagens. No histórico você anda com os monitores pela cidade e você conhece a história da cidade e eles contam tudo... A história de como conseguimos a locomotiva, contam do museu, da questão da estação ferroviária, quando que o trem começou a passar lá, o que isso repercutiu na cidade economicamente. Contam sobre o *slogan* de Cristina, que é 'Cristina, a Cidade Imperatriz', porque foi uma homenagem a imperatriz Tereza Cristina (FERRAZ, 2004).

Perguntamos à entrevistada quais os comentários dos turistas sobre Cristina, as respostas tendem mais para elementos da cultura.

Sabe o que eles falam para mim? Que a cidade é encantadora. Que a cidade é muito limpa. Todo mundo fala que a arquitetura é linda, que as montanhas são bonitas, que o povo é hospitaleiro, que eles adoram as cachoeiras. Eles falam muito sobre essa questão do modo de vida, da gente. Acho que isso é o grande atrativo, o modo de vida do mineiro (FERRAZ, 2004).



Figura 10 – Casario na cidade de Cristina / MG

Na opinião da entrevistada, o diferencial da cidade seria sua história.

Embora a cidade tenha muitas cachoeiras, outras cidades também têm, mas a história de Cristina é muito forte. O grande diferencial de Cristina é a história (FERRAZ, 2004).

Finalmente, encerramos essa seção com uma citação que traduz com simplicidade a questão do marketing no desenvolvimento do turismo,

O que estamos fazendo na verdade é trabalhar internamente. Eu não estou nem ainda no momento de divulgar a cidade. Sabe porque? Se eu divulgar a cidade pode acontecer um *boom*, e assim nós não estamos preparados internamente. Então o trabalho está sendo interno. Porque na hora que estiver tudo preparado, você jogar na mídia não é difícil (FERRAZ, 2004).

Uma comunidade que se auto-valoriza, que valoriza seu passado, que tem elementos – materiais e simbólicos – para marcar suas identidades, que consegue manipular seus recursos materiais e simbólicos para seu próprio benefício e que vive num local voltado em primeira instância para o bem viver de seus próprios cidadãos – com leis e planos que assegurem isso – só terá a ganhar com o turismo, pois o avanço desse setor será uma conseqüência de sua qualidade de vida e não uma panacéia, que promete resolver todos os problemas locais.

3 – Patrimônio arquitetônico e turismo

O caso de Cristina mostra a importância do turismo como fenômeno motivador de ações municipais voltadas para a restauração e conservação do patrimônio cultural e histórico. Entretanto, como já dissemos, acreditamos que as ações de resgate e manutenção desse tipo de patrimônio devem objetivar, antes de tudo, os interesses da população local, sua qualidade de vida, o que por si só já justificaria ações nesse sentido.

Para Yázigi (1999, p. 8 e 9) o espaço turístico “teria que ser antes de tudo o espaço do cotidiano das pessoas que nele vivem (...), os bons cuidados com a arquitetura, tanto enaltecem o cotidiano das pessoas como o do turista”.

(...) para o residente do lugar, a paisagem e o espaço são virtualmente conclamados a desempenhar varias funções, entre as quais: a de lugar mediador para a vida e as coisas acontecerem – não como receptáculo, mas sujeito a permanente transformação; a de referencias múltiplas:

geográficas, psicológicas (lúdicas, afetivas), informativas; a de fonte de contemplação que, como a arte, pode significar um contraponto ao consumo; a de fonte de inspiração e, sobretudo, a de alimento a memória social, através de todas as suas marcas. Em suma, a paisagem é um dos pilares da idéia de lugar que tanto se busca hoje em dia. Nessas premissas, ela não é mais um cenário mercantilizado, para o uso exclusivo do turista. Ela é referencia cotidiana do habitante e que satisfazendo sua forma de arregalar a vida, acaba, talvez por interessar ao turista que busca o diferencial de seu próprio cotidiano (YÁZIGI, 1999, p. 70).

No Brasil, de forma geral, a paisagem tem sido tratada com pouco carinho. As cidades brasileiras, depois da segunda guerra mundial, foram ficando desfiguradas devido aos efeitos da industrialização, restando apenas alguns redutos de beleza, rodeados de miséria e feiúra. Mediocridade técnica, falta de criatividade, ausência de zelo estético, códigos de obra copiados sem critério, tolerância da arquitetura utilitária, abuso publicitário, horror pelo velho, imediatismo, padronização de gostos empurrados pelo mercado, e acima de tudo a miséria, comprometeram os mais dotados sítios do país, urbanos ou não. As paisagens construídas em tempos recentes não se enquadram nas categorias tradicionais de arquitetura colonial, eclética ou neoclássica.

O primeiro patrimônio urbano brasileiro era de estilo colonial – pontilhado de barroco onde era possível. Nos fins do século XIX, com os dividendos do café e da borracha, houve um processo de haussmanização⁵ de algumas capitais e centros regionais. O dinheiro do café arrasa a primitiva cidade colonial em taipa de pilão e alguma pedra. Surge uma outra cidade mesclando elementos neoclássicos e ecléticos devido à influência de um grande número de imigrantes ricos sediados nessas cidades. Após o café, uma outra cidade se sobrepõe às duas primeiras, representada pela sociedade urbano industrial, cidade marcada pelos fatos citados no parágrafo anterior. “Lamentavelmente o Brasil foi um dos países mais enfeitados nos últimos anos” (YÁZIGI, 1999, p. 78).

⁵ Processo drástico de interferência urbana com fins sanitários, iniciado pelo Barão Haussman em Paris.

Para Yázigi grande parte da culpa dessa destruição da paisagem é dos poderes públicos, federais, estaduais e principalmente municipais, pois são esses últimos que têm autonomia nas decisões sobre o uso e ocupação do solo. Essa autonomia, dada pela constituição nacional, torna o município um dos principais protagonistas na construção da paisagem.

Em alguns casos o município tem exercido um papel fundamental na conservação do patrimônio arquitetônico. Em Cristina foram tombados os prédios públicos de interesse arquitetônico; foram reformados alguns monumentos, recolocando-os em suas características originais; foi tombado o calçamento público de paralelepípedo. Em Passa Quatro, mais de 40 casarões de estilo eclético estão sendo tombados. Em Maria da Fé foram tombadas as pinturas da igreja entre outros patrimônios. Em outros locais vê-se uma tendência crescente de valorização arquitetônica e de embelezamento público através da construção de praças e jardins.



Figura 11 – Ladeira em Passa Quatro / MG

Em contrapartida, há municípios aonde o descaso municipal chega a ser desconcertante. Em Itajubá está sendo pleiteada a demolição de um belíssimo casarão que pertenceu a um presidente da república e que fica situado na praça que tem seu nome, casarão esse, que já devia há muito ter sido tombado. Esse município nas ultimas três décadas teve alguns

casarões demolidos e centenas de árvores cortadas na sua zona urbana. Em Gonçalves, com o intuito de 'incentivar' o turismo, o prefeito está construindo um portal, cujas proporções 'faraônicas' em nada combinam com o estilo singelo de sua área urbana de menos de 1100 habitantes.

No âmbito do Brasil (...) tem sido mais freqüente o anedotário das estupidezas cometidas em nível municipal do que propriamente os esforços culturais. Quem já passou pelo interior, já ouviu pelo menos uma história de vandalismo. Quem já morou, está acostumado. Ora complexo de grandeza, ora a ignorância pura e simples, ora o horror pelas coisas antigas, ora o culto pelo modernoso... (YÁZIGI, 1999, p. 81).

Concorda-se com a esse argumento. É mais comum encontrar exemplos de descaso para com as questões culturais e ambientais, constituindo-se as iniciativas positivas nesses setores exceções à regra.

Se o turismo pode contribuir para uma maior consciência estética dos lugares, resgatando patrimônios desgastados pelo tempo e formando novas paisagens, ele pode também contribuir para a descaracterização de alguns locais, quando insere construções de estilos arquitetônicos que destoam das demais construções dos sítios.

Por meio de leis municipais seria possível impedir a construção de edifícios que destoassem em estilo das demais construções. A lei de uso e ocupação dos solos estabelece definições como: as modalidades de parcelamento do solo, suas taxas de ocupação e gabaritos; o zoneamento do uso; o perímetro urbano; o arruamento. A essa lei se somam o Código de obras, que detalha as edificações; as leis de proteção ambiental; e os atos de tombamento do patrimônio.

Entretanto, no Brasil as discussões entre os limites do público e do privado ainda são incipientes se comparadas a outros países de maior tradição democrática.

Há um conceito corrente, com o qual compartilho, explicando que o estado natural das coisas é o público e que nós, de diferentes modos no tempo e no espaço, incorporamos o privado. O refinamento da democracia passa por um preceito muito difundido em sociedades altamente democratizadas, de que o particular deve sacrificar alguns de seus interesses pelo público. (...) Assim, os governos eleitos, de um modo geral,

teriam o compromisso de zelar pelos bens públicos e disciplinar os privados (YÁZIGI, 1999, p. 79).

Na maioria das vezes, no Brasil, acha-se um absurdo o fato de uma prefeitura intervir no estilo de prédios privados, sendo que esse tipo de intervenção ocorre em muitos poucos casos. A paisagem urbana dos municípios fica dessa maneira a mercê do mercado, que para a felicidade geral, tem se voltado nos últimos anos à valorização das especificidades locais. Se os sítios estudados estão valorizando suas especificidades e sua paisagem, na maioria dos casos é mais por uma tendência de mercado do que por políticas serias nesse sentido.

Conclusão

As construções e artefatos de uma comunidade, além de seu valor material, possuem um valor simbólico, na medida em que são objetos densamente carregados de significados para seus moradores. Nesse sentido, conservar o patrimônio cultural e histórico é uma maneira de reforçar a identidade de um lugar e, conseqüentemente, aumentar os laços internos de solidariedade, bem como, sua qualidade de vida.

Na maioria das vezes, ações voltadas para a restauração e conservação desse patrimônio ocorrem apenas em função da implementação do turismo. Acredita-se que essas ações devem ser encaradas, elas mesmas, como estratégias para o desenvolvimento local, independentemente de projetos turísticos.

Bibliografia

- BANDUCCI, J.A.; BARRETO, M. (Orgs.) **Turismo e Identidade local – uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001.
- CRISTINA MINAS – O PORTAL DA CIDADE IMPERATRIZ. Cristina, 2002. Disponível em <<http://www.cristinaminas.hpg.ig.com.br>>. Acesso em 20 nov. 2004.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FERRAZ, Sandra de Castro. **Sandra de Castro Ferraz**: depoimento [março 2004]. Entrevistadores: D. Bobsin e H. Alves. Itajubá, 2004. um cassete sonoro.
- FLORES, Y. Pobreza, violência e crime – conflitos e impactos sociais do turismo sem responsabilidade social In: BANDUCCI, J.A.; BARRETO, M. (Orgs.). **Turismo e Identidade local – uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001.
- FROELICH, J.M. **Rural e Natureza: a construções sociais do rural contemporâneo**. Tese (Doutorado em Sociologia), CPDA/UFRJ, Rio de Janeiro: 2002.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T.D (org.). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- LEADER Cultura e Desenvolvimento Rural. **LEADER Magazine**. nº 8, inverno, 1994. - Disponível em <<http://europa.eu.int/comm/archives/leader2/rural-pt/biblio/>>. Acesso em: mai. 2001.
- KAISER, B. **La renaissance rurale**. Paris: Armand Colin, 1990.
- _____ Cultura – Uma alavanca para o desenvolvimento local. Cultura e Desenvolvimento Rural. **LEADER Magazine**. nº 8, Inverno, 1994.
- MOREIRA, R. Identidade Brasileira: Velhas Questões, Novos Desafios. In: GT21 DO XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu MG, 1996.

MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX – o espírito do tempo – I neurose**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1984.

NETO, S. **Estudos Sociais Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1970.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____ **Um Outro Território**. São Paulo: Olho D'água, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CRISTINA (Cristina, MG). **Calendário de divulgação turística do município**. Cristina, 2003. 20p.

RIBEIRO, W. **Noções de Cultura Mineira**. Belo Horizonte: F.T.D. 1966.

SILVA, T.T.D. (Org.). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

VERHELST, T. As Funções Sociais da Cultura. In: **Cultura e Desenvolvimento Rural**. LEADER Magazine n° 8 – Inverno, 1994.

YÁZIGI, E. **Turismo: uma esperança condicional**. São Paulo: Pleiade, 1998.

WARNIER, J. **A mundialização da Cultura**. Bauru: EDUSC, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T.D. (Org.). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.